

Família Sarney defende 4 anos

Henrique Rodrigues

A família do presidente José Sarney também aderiu à tese dos quatro anos de mandato, com convocação de eleições gerais para o próximo ano. Além do cansaço com a crise econômica, as disputas políticas e o imobilismo de um governo impensado entre o PMDB e o PFL — cuja lealdade é considerada duvidosa — a família Sarney já concluiu que só abrindo mão de mais um ano de mandato e empurrando os partidos para uma campanha eleitoral, o Presidente poderá se ver livre das pressões políticas e "administrar sossegado" até novembro de 88. Nas conversas da intimidade do Palácio da Alvorada, Sarney ouve muito, mas não diz "sim" nem "não".

A primeira dama, Marly Sarney, desabafou mais de uma vez com a amiga Mitzi, mulher do ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães, que não aguenta mais a pressão política e psicológica contra o governo e defende ferrenhamente a saída de Sarney o mais rápido possível.

"Se Sarney mandar ao Congresso uma mensagem propondo eleições gerais em 88, nós tiramos o peso e deixamos a eleição só para a Presidência", ressurge o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso.

Assessores mais próximos do Presidente acham que, convocando eleições gerais, Sarney faz a parte dele e vai ser aplaudido pela opinião pública, ficando com os parlamentares a responsabilidade de se agarrar aos mandatos, mesmo depois da Constituinte.

Segundo essa interpretação, o povo está insatisfeito não só com o Governo, mas com os políticos, em geral, e com a Constituinte, em particular. Numa pesquisa que percorre os gabinetes palacianos 60% da população quer novas eleições em todos os níveis, no próximo ano, e vai repercutir muito mal para os políticos que eles legem em causa própria, bombardando o mandato de Sarney e preservando o próprio.

Sem chance

Na opinião de dona Marly, da filha Rosana (que trocou o Palácio da Alvorada por um apartamento no Leblon), do genro e secretário particular Jorge Murad (que só passa uma noite de dois dias por semana em Brasília) e do consultor-geral da República e amigo Saulo Ramos, se Sarney não conseguiu sequer fazer a reforma administrativa e indicar os ministros que queria, não há muito o que fazer daqui em diante.

"Nunca vi um homem dar tanto pontapé na sorte", diz o deputado e ex-ministro da Justiça de Sarney, Fernando Lyra (PMDB-PE), para quem o Presidente teve apoio popular, político, partidário, militar, e foi "jogando tudo pela janela".

Sem saber da frase de Lyra, um assessor direto do Presidente admite que o governo teve todas as chances para demonstrar agilidade, força e competência, principalmente na época do Plano Cruzado, quando a economia estava aquecida e, por exemplo, haveria empregos e salários na área privada para os demitidos de empresas e órgãos públicos num eventual engasgamento da máquina administrativa.



Dona Marly não suporta mais pressões e defende saída de Sarney

Responsabilidade é de todos, diz presidente

É preciso acabar com a ilusão de que a estabilidade e o desenvolvimento nacional devem ficar por conta e risco do Presidente. Isso só acontece em regime totalitário. A afirmação foi feita ontem pelo presidente José Sarney no programa "Conversa ao Pé do Rádio", quando, mais uma vez, disse que deseja um entendimento entre líderes, governos e povo.

"A responsabilidade é de todos nós, pela estabilidade democrática, pelo progresso do País. Portanto, somos todos responsáveis" — destacou.

O presidente Sarney voltou a ressaltar sua satisfação com o apoio recebido do PFL, que considerou "patriótico" e dentro do esforço do Governo "para implantar a democracia no Brasil". Segundo ele, juntamente com as

decisões da Executiva do PMDB e dos governadores, reunidos no Rio, a posição do diretório nacional do PFL, amplia o apoio do Governo.

"A manifestação do PFL amplia o apoio de que o Governo precisa e que há um nós eu venho reclamando dos partidos e das lideranças políticas do Brasil" — enfatizou.

Segundo Sarney, para vencer as dificuldades é necessário a união de todos, e que, no seu entender, as crises do País são transitórias. Além de afirmar que está enfrentando as dificuldades e cumprindo os seus deveres no cargo, o Presidente enfatizou:

"Nós sabemos que o que estamos atravessando é uma nuvem de chuva. E graças a Deus eu acho que estamos chegando ao fim dessa nuvem", concluiu.